

Saussure e as línguas (no plural): indícios de um olhar antropológico?

Júlio Arnhold Ritzel¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: A relação entre língua (singular) e línguas (plural) sempre foi muito cara para a Linguística Geral. Nesse contexto, o homem aparece como elemento de profundas reflexões, tanto para linguistas como para antropólogos. O presente artigo busca contribuir para essa discussão, ao analisar algumas proposições de Ferdinand de Saussure, o pai da linguística moderna, referentes a essa pluralidade das línguas, importantes para a construção da “língua” como entidade singular (e já analisada à exaustão). Para esse propósito, analisam-se as discussões presentes nas Conferências de Genebra, ministradas em 1891, presentes nos Escritos de Linguística Geral, além de se fazer uma breve comparação do conteúdo das Conferências com algumas passagens do Curso de Linguística Geral, de 1916. Por fim, conclui-se que as contribuições de Saussure expostas nas Conferências apontam para indícios de um olhar antropológico sobre a linguagem.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Conferências de Genebra; Línguas; Antropologia.

Title: Saussure and the languages (in the plural): evidence of an anthropological view?

Abstract: The affinity between language (singular) and languages (plural) has always been esteemed in General Linguistics. In this context, man emerges as an element of profound reflection, both for linguists and for anthropologists. This article seeks to contribute for this discussion by analyzing some propositions of Ferdinand de Saussure, the father of modern linguistics, regarding this plurality of languages, important for the construction of “language” as a singular entity (and already analyzed to exhaustion). For this purpose, the present discussions in the Conferences of Geneva, conducted in 1891 and available in the Writings in General Linguistics, are analyzed, in addition to making a brief comparison of the content of the Conferences with some passages of the Course in General Linguistics, from 1916. Finally, it is concluded that Saussure's contributions exposed in the Conferences point to evidence of an anthropological view of language.

Keywords: Ferdinand de Saussure; Conferences of Geneva; Languages; Anthropology.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1111-384X>. E-mail: arnholdritzel@gmail.com.

O que é claro, como se repetiu mil vezes, é que o homem sem a linguagem seria, talvez, o *homem*, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos, porque a linguagem foi, por um lado, a mais formidável ferramenta de ação coletiva e, por outro, de educação individual, o instrumento sem o qual o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar a desenvolver, em algum sentido, suas faculdades nativas (Saussure, 2004 [1891], p. 128).

Introdução

O “cavaleiro de muitos domínios” – a linguagem – segue sendo motivo de assombro e contemplação não apenas para a linguística, mas para as mais diversas áreas da ciência graças a sua natureza multiforme e heteróclita, além de sua íntima relação com a condição humana. A língua, objeto por excelência da linguística, consagrada por Ferdinand de Saussure, mantém o seu status soberano; continua sendo considerada o principal ponto de apoio da grande maioria das muitas áreas dos estudos linguísticos, tendo sido debatida praticamente à exaustão. Já as línguas “específicas” ou “nomeadas”, devido a sua vasta diversidade e complexidade, podem ser extremamente reveladoras para a discussão da relação do homem com a linguagem, porém não são consideradas tão importantes por algumas vertentes, além de estarem recebendo uma maior atenção mais recentemente. Muito se estuda e debate-se acerca dos dois tópicos mais abrangentes (língua e linguagem), porém a questão das línguas, no plural, não recebe a devida importância por parte de algumas correntes interpretativas da teoria saussuriana.

Enquanto a temática é um pouco mais discutida dentro dos estudos enunciativos, especialmente em se tratando de Benveniste, nota-se que ela é pouco desenvolvida no que se refere a Saussure. Ao se analisar as publicações do grupo Estudos Saussurianos e Estudos Benvenistianos (UFRGS)², por exemplo, encontram-se diversos trabalhos na linha benvenistianiana que tangem a assuntos mais antropológicos, como “sociedade”, “cultura” e “línguas” (Aresi, 2020; Knack, 2016; Silva, 2013; etc) – além de muito discutidos nas obras mais recentes do professor Valdir Flores (2023, 2019, etc) –, porém os trabalhos nessa direção dentro da perspectiva saussuriana são mais escassos.

Nesse sentido, destacam-se dois tipos de abordagem interessantes. O primeiro tipo diz respeito às contribuições saussurianas ligadas à diversidade das línguas. Para exemplificar, há os trabalhos de Engler (2000) e Gomes (2019), que analisam as contribuições de Saussure em relação à linguística geográfica. Mais especificamente, os autores exploram a importância dos estudos do linguista suíço acerca das línguas para a conceitualização de suas contribuições para a Linguística Geral, como, por exemplo, a noção de “língua”. Essa abordagem é relevante para o presente trabalho por focar diretamente na questão da pluralidade das línguas dentro da proposta saussuriana.

Já o segundo tipo está ligado às relações singulares, individuais do homem com a língua e com as línguas dentro dos estudos de Saussure. Como exemplos, pode-se citar os trabalhos de Gomes (2016) e Nestor (2022). Apesar de bastante diferentes, os dois trabalhos buscam

² Os trabalhos do Grupo podem ser consultados em: <https://www.ufrgs.br/saussure-benveniste>.

responder questões que atravessam a relação do homem (e sociedade) com a diversidade das línguas. Essa abordagem também é relevante para o presente trabalho, uma vez que desbrava uma perspectiva mais antropológica dentro das contribuições de Saussure.

E é justamente no limiar entre essas duas abordagens que a proposta deste trabalho pretende inserir-se. As duas propostas são vistas como próximas e, até, complementares. Trata-se de estudar como se vinculam as questões da pluralidade das línguas com a questão da relação do homem com essas línguas dentro de uma perspectiva saussuriana.

Com vistas a instigar discussões dessa temática junto às proposições linguísticas de Saussure, busca-se por uma abertura nas contribuições saussurianas para os estudos antropológicos. Assim, objetiva-se, com esta pesquisa: fazer um recorte específico da obra de Saussure, visando a selecionar um número singelo de textos do autor que se relacionam às temáticas analisadas; analisar com profundidade as propostas contidas neste recorte, buscando destacar rastros que indiquem certa preocupação (mesmo que pequena) do autor em relação às temáticas; e, também, discutir essas contribuições, almejando investigar sua relevância não apenas para os linguistas que sucederam o autor, mas também para os linguistas contemporâneos.

A fim de realizar tal discussão, elegeram-se as Conferências de Genebra, realizadas por Saussure em 1891 e contidas na obra *Escritos de Linguística Geral* (publicada em 2002), como *corpus* de análise. As Conferências oferecem um material muito interessante para o estudo das contribuições do autor, uma vez que apresentam como tema principal as línguas, no plural, suas relações entre si e, ainda, suas relações com os falantes.

Nesse sentido, buscou-se destacar os pontos principais de cada uma das três Conferências, tendo como prioridade aqueles que dizem respeito às relações entre as línguas, tentando buscar pistas de problematizações relacionadas à sociedade, à história, à cultura e ao homem. A partir disso, debatem-se as ideias saussurianas referentes a essas temáticas, evidenciando pontos considerados pertinentes para essa discussão. Antes de finalizar a análise, é feita, ainda, uma breve comparação das informações presentes nas Conferências com aquelas presentes no Curso de Linguística Geral (CLG)³ acerca dessas temáticas, com o objetivo de se tentar identificar se as discussões realizadas por Saussure em vida estão também contempladas na obra póstuma.

Por fim, destacam-se as pequenas pistas encontradas, ao longo das Conferências, que podem ser interpretadas como breves indícios de uma possível preocupação antropológica por parte do autor, mesmo não sendo elas integrantes absolutas de sua obra. Não se trata, pois, de estabelecer Ferdinand de Saussure como um grande entusiasta da linguística como uma forma de pesquisa antropológica ou de tentar consagrá-lo como o primeiro linguista a se importar com essa questão. Apenas se acredita ser interessante perceber que essa discussão – muito mais difundida e elaborada por linguistas que o sucederam – já estava presente, mesmo que minimamente, em suas contribuições.

³ Sabe-se que existem ressalvas acerca das condições de produção do Curso. Elas são explicitadas ao longo do trabalho, especificamente na seção de análise referente ao CLG.

O que dizem as Conferências...

Em novembro de 1891, Ferdinand de Saussure proferiu três Conferências na Universidade de Genebra. Nessas Conferências, o linguista suíço buscou defender o lugar dos estudos linguísticos entre as ciências, principalmente entre as humanas. Para ele, a linguística deve ser encarada como uma ciência histórica, pois a língua não pode ser estudada isoladamente da sociedade. A linguística, portanto, possui uma afinidade muito particular com os estudos antropológicos, uma vez que “não se conhece completamente um povo sem conhecer sua língua ou ter dela alguma ideia”, sendo a língua “uma parte importante da bagagem das nações, contribuindo para caracterizar uma época, uma sociedade” (Saussure, 2004, p. 131).

Para defender essa tese, Saussure propõe a discussão de dois fatores indispensáveis para a dinâmica da língua. Nas duas primeiras Conferências, o linguista se dedica a debater a questão do *tempo*, enquanto que, na terceira e última, busca discutir a questão do *espaço*. Para ele, são esses dois fatores que afetam a dinâmica da língua e marcam suas mudanças. E o estado de língua, isto é, a situação perene da(s) língua(s) que garante sua continuidade e mutabilidade, é completamente dependente de ambos.

É importante destacar que essas discussões de Saussure possuem como base seus estudos das línguas indo-europeias. Além disso, ao realizar essas discussões sobre as línguas, o mestre genebrino acaba expondo, também, questões que ajudam a construir o conceito geral de “língua”, tão caro para o autor. Desse modo, a teorização da língua (singular) é possibilitada a partir da observação das línguas (plural).

A primeira Conferência e a continuidade no tempo

Após discorrer sobre essas questões mais gerais, na primeira Conferência, Saussure parte para suas questões mais específicas. Essa problemática parece chamar a atenção do autor, pois, segundo ele, “toda língua tem, em si mesma, uma história que se desenrola perpetuamente, feita de uma sucessão de acontecimentos linguísticos que, exteriormente, não tiveram repercussão e jamais foram inscritos pelo célebre buril da história”⁴ (Saussure, 2004, p. 131). Marcada por diferentes formas (ou estados) ao longo dos séculos, a língua apresenta como característica constante o fato de ter uma história, já que muda com o passar do tempo. No entanto, há, ainda, mais uma característica que pode configurá-la como relacionada aos estudos históricos; trata-se do fato de que os objetos que constituem a matéria da história representam *atos humanos*, ligados tanto à individualidade quanto à coletividade. Enxerga-se, dessa forma, a língua como um desses atos, apesar de estar em um grau bastante distinto dos demais.

⁴ Esse comentário do autor está fortemente relacionado a seus estudos como linguista histórico-comparatista, que falava e conhecia um número muito grande de idiomas. Ao fazer suas análises acerca dessa diversidade de línguas, Saussure passou a se interessar por questões mais universais, que ligavam essas manifestações tão diversas em características que vieram a se tornar, posteriormente, sua concepção de língua, no singular.

Dentro dessa questão histórica, então, Saussure acredita que há dois pontos principais e concomitantes para se realizar a análise da evolução da língua, que são o *tempo* e o *espaço*. E, para ele, existem dois princípios fundamentais para o desenvolvimento diacrônico da língua: a continuidade e a transformação. Enquanto este vem a ser abordado na Conferência seguinte, aquele é o tópico principal de discussão dessa Conferência.

A continuidade da língua no tempo diz respeito a sua não interrupção. Isso significa que uma das características fundamentais da língua é a sua permanência ao longo do tempo. A menos que seja interrompida por motivos de força e/ou violência, a língua tem uma tendência natural a se manter estável e contínua com o passar do tempo. De acordo com Saussure, “jamais em parte alguma se conhece, historicamente, uma ruptura na trama contínua da linguagem, e não se pode, logicamente e *a priori*, conceber que isso possa, jamais e em parte alguma, ocorrer” (Saussure, 2004, p. 133).

Em seguida, Saussure demonstra sua preocupação em nomear esses estágios “evolutivos” de língua como *estados de língua*. O termo demonstra uma visão, de certo modo, mais progressista sobre a diversidade das línguas em relação à tradição linguística de sua época, já que indica uma visão crítica sobre as línguas nomeadas e sua denominação convencional e arbitrária. Entre línguas consideradas de mesma “família”, por exemplo, o linguista considera que sejam, na verdade, estados de língua diferentes, que mudaram de acordo com condições específicas de seus falantes ao longo do tempo (e espaço).

Não houve, portanto, um dia em que se pudesse lavar o atestado de óbito da língua latina e não houve, igualmente, um dia em que se pudesse registrar o nascimento da língua francesa. Jamais aconteceu que as pessoas da França acordassem dizendo *bom-dia* em francês, tendo, antes de dormir na véspera, dito *boa-noite* em latim (Saussure, 2004 [1891], p. 133).

Portanto, “o francês não *vem* do latim, mas *é* o latim” (Saussure, 2004, p. 134). Para Saussure, a ideia de uma “família” de línguas é, na verdade, uma ilusão convencionalizada para nomear estados de língua distintos, numa tentativa de organizá-los de acordo com sua evolução. Ainda nessa direção, o autor continua:

Não existem línguas filhas nem línguas mães, não existem em parte alguma e nem jamais existiram. Há, em cada região do globo, um estado de língua que se transforma lentamente, de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano e de século em século (Saussure, 2004 [1891], p. 134).

Dessa forma, as línguas não geram “línguas novas”; apenas transformam-se, ao longo do tempo, em estados de língua diferentes. A partir desse ponto, o mestre genebrino passa a discutir outras duas suposições de senso comum sobre a língua, também relacionadas às suposições discutidas anteriormente: a *morte* e o *nascimento* de línguas.

Sobre a suposta *morte* de uma língua, Saussure (2004) afirma que o fenômeno só pode ocorrer de maneira violenta, com o uso de força. Isso quer dizer que uma língua só pode morrer caso seja eliminada por meio do extermínio de seu povo, ou seja, genocídio. De maneira natural, o fenômeno é considerado impossível. Nas palavras do autor, “uma língua

jamais morre de esgotamento interior, depois de concluir a carreira que lhe foi dada” (Saussure, 2004, p. 135). Para ele, portanto, as línguas são imperecíveis, ou seja, a organização interna das línguas não permite que sua transmissão simplesmente acabe. De novo, só se interrompe o desenvolvimento de uma língua de forma não-natural.

Já sobre o suposto *nascimento* de uma língua, Saussure também é asseverativo. Considera-se inconcebível a criação de línguas por vias artificiais. Como exemplo, o linguista suíço cita o *volapük*, tentativa de criação de uma língua universal para facilitação da comunicação humana; poder-se-ia comparar o exemplo com o *esperanto*, tentativa similar mais atual. Para Saussure, dois fatores impedem o sucesso desse tipo de criação: i) a ausência de iniciativa para o uso dessas línguas artificiais por parte da massa falante (que já se encontra satisfeita com suas línguas naturais); e ii) a resistência ao uso dessas línguas artificiais por parte dessa mesma massa que, mesmo que demonstrasse iniciativa, não renunciaria a suas línguas naturais.

Dessa forma, o autor demonstra sua preocupação não apenas com o funcionamento da(s) língua(s), mas também com a relação dela(s) com os falantes. Em outras palavras, o homem também é visto como parte integrante da dinâmica de funcionamento da língua; as línguas funcionam a partir dele e sofrem sua interferência em seus muitos processos.

E, para finalizar, o autor comenta, ainda, sobre outra suposição: a *idade* das línguas. Sobre essa questão, Saussure argumenta que “todas as línguas faladas na mesma época são da mesma idade; no sentido de remontarem um passado igual” (Saussure, 2004, p. 136). Assim, não se vê muito sentido em julgar uma língua nomeada mais velha ou mais nova do que outra, já que se trata de estados de línguas diferentes que apenas possuem nomes convencionados. Teoricamente, todas as línguas naturais teriam a “mesma idade”.

Todas essas suposições sobre as relações entre as línguas, expostas e debatidas ao longo da primeira Conferência, argumentam a favor do princípio da continuidade da língua no tempo. Interessantemente, além disso, também apontam para o segundo princípio temporal defendido pelo autor: a transformação.

A segunda Conferência e a transformação no tempo

Na segunda Conferência, Ferdinand de Saussure dedica-se a outro fenômeno da língua, igualmente revelador da história das línguas. Trata-se do movimento da língua no tempo. Esse princípio se liga de maneira indissociável ao primeiro (a *continuidade*), sendo ambos considerados essenciais e universais para o desenvolvimento das línguas e sua história.

Também podendo ser chamado de mutabilidade ou *transformação*, esse princípio está diretamente relacionado à natureza da língua e a sua capacidade de mudança, adaptação via uso de seus falantes, ao longo do tempo. Segundo Saussure (2004), nenhuma língua se encontra em estado de inércia ou repouso. Em outras palavras, não existem pontos estáveis nas línguas e sua natureza tende ao desequilíbrio. Cada ponto é apenas um estado de língua diferente e único entre inúmeros outros estados.

Saussure comenta que a língua escrita representa uma espécie de tentativa de

contenção desse movimento natural da língua. Ao comparar o francês “oficial” a uma camisa-de-força, o autor sugere uma tentativa por parte do conjunto de regras e formas da língua escrita de parar esse desenvolvimento da língua e as mudanças provocadas por ele. No entanto, essa tentativa é frustrada, uma vez que não consegue frear esse movimento e acaba apenas velando esse processo aos olhos do falante. A título de exemplo, o linguista suíço apresenta, no francês, as palavras que terminam em “consoante + *re*”, como *quatre* (quatro) e *lettre* (letra):

um linguista que viesse à França com o objetivo de registrar metodicamente, por escrito, o francês falado, o francês real e autêntico, como se registra metodicamente a língua de qualquer povo malásio ou africano, ou como se registra os dialetos franceses — esse linguista escreveria sem exitar que, no ano de 1891, *k-a-t, kat*, é a forma exata ou a forma principal do quarto numeral, *l-e-t, let*, da palavra que significa *missiva* ou *signo do alfabeto*. [...] Esse é um exemplo que, entre muitos, prova que os fenômenos de transformação, semelhantes aos que encontramos em todos os idiomas deixados a si mesmo, não pararam, na realidade, de se produzir, mesmo em uma língua em que todas as condições são anormais graças à onipotência da escrita (Saussure, 2004 [1891], p. 138).

Além de ressaltar novamente a questão da língua escrita e provar que ela não consegue frear o desenvolvimento da língua, o exemplo serve para destacar a visão do linguista sobre os estudos linguísticos de sua época. Saussure parece apresentar, em certo nível, uma espécie de crítica ao fazer linguístico europeu, uma vez que denuncia que esses linguistas analisam suas próprias línguas de maneira muito diferente daquela como analisam as línguas dos demais continentes (talvez por julgá-las “menos civilizadas”?). É interessante de se notar que existe, mesmo que de forma indireta, um olhar crítico ao fazer linguístico de sua época por parte do autor.

Após isso, então, Saussure passa a discutir mais especificamente os processos que culminam nessas mudanças na língua. De acordo com o autor (2004), há dois processos principais de movimento e transformação na língua: os fonéticos e os analógicos.

As *mudanças analógicas* são aquelas relacionadas à praticidade de uso das palavras e à regularidade de suas formações. Estão muito ligadas a processos comparativos e associativos entre as palavras e apresentam uma tendência a formar certa regularidade. Para Saussure, esse processo é bastante evidente na linguagem da criança, sendo consequência das tentativas de comunicação via língua por comparação e associação justamente por não possuir um inventário muito estável, apesar de inserida no mundo dos signos.

Não há melhor maneira de perceber o que é isso do que escutar falar, por alguns minutos, uma criança de três a quatro anos. Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas, que nos fazem sorrir, mas que oferecem, em toda sua pureza e candura, o princípio que não cessa de agir na história das línguas (Saussure, 2004 [1891], p. 139-140).

Já as *mudanças fonéticas* apresentam como característica principal o fato de atingirem “cegamente todas as formas da língua em que se encontra o som em questão e, por

consequente, oferece um caráter de regularidade matemática” (Saussure, 2004, p. 142). Segundo Saussure, seria possível prever as correspondências entre os diversos estados de língua (ou entre idiomas) ao se conhecer bem os sistemas fonéticos de cada um, tamanha é a regularidade do fenômeno. Assim como as mudanças analógicas, as fonéticas tendem a restabelecer uma simetria.

Ao analisar essas tendências de mudança da(s) língua(s), o autor parece sempre associar sua dinâmica e seu funcionamento à massa falante, que é a grande responsável por seu uso. Afinal de contas, a língua não muda por conta própria; são os usos dos falantes que causam essas transformações, pouco a pouco, imperceptivelmente, ao longo do tempo.

A terceira Conferência e a continuidade e a divergência no espaço

Nessa Conferência, Ferdinand de Saussure começa retomando algumas questões das Conferências anteriores. É interessante destacar sua posição sobre a pluralidade das línguas, em especial ao que se pode chamar “línguas nomeadas”. Sobre isso, aponta o autor que “nos agrada dar dois nomes sucessivos ao mesmo idioma e, por conseguinte, de fazer dele, arbitrariamente, duas coisas separadas no tempo” (Saussure, 2004, p. 143), mais uma vez sinalizando para a arbitrariedade ao se dar nome aos diferentes idiomas de mesma “família”. Depois, ele complementa que “não há nenhum instante em que a língua seja menos determinada nem mais determinada do que em outro” (Saussure, 2004, p. 144), uma vez que as características das línguas são transitórias. Para Saussure, então, o que existem são apenas estados diferentes de língua, em contrapartida à visão de línguas nomeadas.

Feitas todas suas considerações sobre a questão temporal da língua, resta à terceira e última Conferência as considerações acerca da questão espacial, dimensão considerada complementar à anterior. De acordo com Saussure (2004), a língua não se desenvolve apenas de maneira diacrônica, mas também de forma geográfica. Isto é, o distanciamento espacial que ocorre entre duas versões idênticas de um estado de língua resulta, sempre, em dois novos estados de língua diferentes.

se uma mesma língua se espalha em um momento determinado sobre uma certa extensão de território, o resultado da mudança inevitável, ao fim de cem ou duzentos anos, não é o mesmo nos diferentes pontos do território, tenha ele um diâmetro de quinhentas ou seiscentas léguas ou de cinco ou seis léguas (Saussure, 2004 [1891], p. 145).

Assim, na concepção do autor, cada idioma (ou língua nomeada) nada mais é do que uma forma dentre muitas outras de um mesmo falar de uma região, de um povo ou, até mesmo, de uma cultura. A maior prova desse argumento é o fenômeno que o linguista denomina “fracionamento dialetal”, que consiste na existência de diferentes variações de um mesmo idioma. A partir daí, Saussure passa a desenvolver seus pensamentos acerca de uma questão referente à variação de línguas nomeadas consideradas “oficiais”: os dialetos. Para ele, os dialetos são justamente essas múltiplas versões de uma mesma língua, distribuídos e classificados geralmente por características geográficas. Segundo o linguista, ainda, muitas

vezes ocorre uma predileção por um desses dialetos e este acaba sendo elevado socialmente à condição de língua “oficial”. Trata-se de causas sociolinguísticas; uma convenção social que elege determinado estado de uma língua (geralmente aquele falado pelo grupo social dominante) como superior a todos os demais estados, que passam a ser considerados deturpações da língua “oficial”. Todas essas questões apontam para a relação bastante íntima entre língua e sociedade, que exercem relações de dependência entre si.

Para Saussure, cada dialeto é diferente dos demais e, também, único em si mesmo. O autor considera inútil e quimérico tentar distinguir unidades dialetais, já que o que constitui cada dialeto é a soma das características de todos os fenômenos linguísticos de uma região, além de ser “impossível encontrar uma característica que permita delimitar esse dialeto com relação a qualquer outro” (Saussure, 2004, p. 148).

Finalmente, o mestre genebrino passa a desenvolver suas conclusões. Nessa direção, Saussure propõe que as fronteiras entre as línguas (ou melhor, os diferentes estados de língua) não passam de uma convenção. Assim como não é possível delimitar o início e o fim de uma língua no tempo, também é impossível fazê-lo no espaço:

não existe, regularmente, fronteira entre o que se denomina duas línguas, por oposição a dois dialetos, quando essas línguas são da mesma origem e faladas por populações contíguas sedentárias [...]. Assim como não há dialetos delimitados, não há línguas delimitadas, nas condições normais.

Assim, a língua, que não é, como vimos, uma noção definida no tempo, não é, também, uma noção definida no [espaço] (Saussure, 2004 [1891], p. 149).

Os questionamentos de Saussure se embasam em seus estudos referentes às línguas indo-europeias, e o autor lamenta a impossibilidade de se fazer uma retrospectiva às línguas no período em que não se havia desenvolvido, ainda, a escrita. Pergunta-se, então, se é possível que as línguas nomeadas, em sua totalidade, sejam, na verdade, apenas estados de uma mesma língua comum, que evoluíram de maneiras geográfica, histórica e socialmente diferentes ao longo do tempo. Muito provavelmente, nunca se chegará a uma resposta definitiva e consensual a essa pergunta e, sobre ela, sobram somente certo assombro e exaustiva contemplação.

O que diz o CLG...

Publicado após sua morte, o Curso de Linguística Geral (CLG) é considerado a obra mais importante de Ferdinand de Saussure. O livro foi lançado em 1916, graças a dois colegas do linguista – Charles Bally e Albert Sechehaye –, que compilaram anotações de alunos, bem como os manuscritos preparatórios, de três disciplinas de linguística geral ministradas por Saussure entre 1906 e 1911, editaram-nas e transformaram-nas no que se conhece hoje como CLG. Apesar de não ser uma escrita “autoral” de Saussure, a obra permanece relevante, uma vez que a publicação aborda uma parte consistente das contribuições do autor, ainda que de forma mais categórica e menos explicitamente fundamentada que o programa saussuriano

original⁵. Comparar o conteúdo do Curso com as produções autográficas do autor permite a visualização de como suas contribuições foram abordadas na publicação célebre.

O CLG dá conta de uma infinidade de assuntos relacionados à língua e à linguagem. No entanto, consideram-se relevantes para essa comparação as seções do livro que dizem respeito ao tempo e ao espaço (e, conseqüentemente, à história), dimensões principais discutidas nas Conferências.

Quanto à questão temporal, muitas das contribuições de Saussure são encontradas na terceira parte do CLG, intitulada “Linguística Diacrônica”. Essa seção tem como finalidade apresentar a perspectiva saussuriana sobre a transformação e continuidade da língua (e das línguas) no curso do tempo.

Com efeito, a imobilidade absoluta não existe [...]; todas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável. Esta pode variar de rapidez e de intensidade sem que o princípio mesmo seja enfraquecido; o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou caudaloso é consideração secundária (Saussure, 2012 [1916], p. 193).

Além disso, no decorrer dessa terceira parte do livro, são apresentados diversos dos tópicos discutidos nas Conferências. Os mais evidentes são sobre as mudanças fonéticas e as mudanças analógicas. Para cada uma, dedicam-se dois capítulos, sendo o primeiro para definições e exposições e o segundo para discussão de questões ligadas à evolução que cada uma proporciona na língua.

Já quanto à questão espacial, as contribuições saussurianas ficaram mais concentradas na quarta parte do CLG, denominada “Linguística Geográfica”⁶. Nessa parte, aborda-se como a geografia influencia na dinâmica das línguas, apresentando suas causas e complicações. Também, ao longo dos capítulos, são apresentadas algumas observações interessantes sobre a pluralidade das línguas em si.

O que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro. Conquanto as divergências no tempo escapem ao observador, as divergências no espaço saltam imediatamente aos olhos; os próprios selvagens as percebem, graças aos contatos com outras tribos que falem outra língua. É exatamente por via dessas comparações que um povo toma consciência de seu idioma (Saussure, 2012 [1916], p. 253).

Dessa forma, é possível demonstrar que o conteúdo do CLG está de acordo com a produção presente nas Conferências de Genebra, apesar de estas não fazerem parte das aulas que deram origem à obra e ambos estarem separados por praticamente duas décadas. Além

⁵ Conforme Bouquet e Engler (2004), no prefácio dos *Escritos de linguística geral*.

⁶ Conforme Gomes (2019), ao analisar as contribuições de Constantin (2005), a “Linguística Geográfica” correspondia à segunda parte da última versão do curso ministrado por Saussure. A mudança nessa ordem é de responsabilidade dos organizadores (Bally e Sechehayé).

Nesse trabalho (Gomes, 2019), discute-se a importância das análises referentes à linguística geográfica na obra saussuriana, ressaltando a importância do estudo das línguas para a construção do conceito de “língua”.

das questões mais pontuais, é interessante observar que também se pode ver certos vestígios de uma preocupação com o falante (homem) e a sociedade e suas relações com a diversidade das línguas, mesmo que muito mais discretos do que se encontra nas Conferências.

Considerações Finais

Ao se analisar as três Conferências de Genebra ministradas por Ferdinand de Saussure, destacaram-se alguns pontos que mostram uma forte preocupação do autor em discutir a pluralidade das línguas. Além disso, alguns dos trechos demonstram certa preocupação do autor por questões ligadas a uma perspectiva mais antropológica da unidade da língua.

De acordo com as propostas do linguista suíço, pode-se estabelecer as línguas, no plural, como uma extensão do conceito mais geral de língua, no singular. Não parece haver muito sentido em estudar a língua, a linguagem e as línguas sem se levar em conta algo que está intimamente relacionado a esses conceitos: o falante, o homem. Estudar as línguas, no plural, em sua diversidade, contribui para o estudo da língua, no singular, em sua unidade, bem como para o estudo da área mais abrangente, que é a linguagem.

Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra. Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as *línguas*, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida (Saussure, 2004 [1891], p. 128-129).

Para finalizar, defende-se a ideia principal que Saussure aborda ao longo das três Conferências, isto é, de que a linguística pode ser vista como uma ciência histórica. Conforme o autor defende essa tese, acaba falando de tópicos que abrangem, também, a relação das línguas com o homem, com a sociedade e com a cultura, mesmo que indiretamente. E essas relações podem ser consideradas como indícios de uma preocupação linguística antropológica.

É interessante observar que essas discussões todas estão contidas, também, na principal obra saussuriana – o Curso de Linguística Geral. Apesar de ser uma obra póstuma, editada e publicada por seus colegas, o CLG aparenta manter uma verdadeira tradição das falas originais do mestre genebrino. Entre os assuntos abordados, destacam-se as problemáticas de tempo e espaço, que conduzem à discussão principal do autor nas Conferências: a história.

Ao ser perguntado por Guy Damur sobre Saussure em uma entrevista intitulada “Esta linguagem que faz história”, Émile Benveniste escolhe ressaltar, além da discussão sobre forma e substância, justamente a relação entre linguística e história:

A história, para Saussure, não é necessariamente uma dimensão da língua, a história não é da língua senão uma das dimensões possíveis e não é a história que dá vida à linguagem, mas sobretudo o inverso. É a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história (Benveniste, 2006 [1968], p. 31-32).

Assim, acredita-se que Ferdinand de Saussure apresenta uma contribuição bastante interessante e instigante, mesmo que possa ser considerada pequena, para as discussões linguísticas que tangem à antropologia. Certamente, ele não é considerado um dos grandes nomes da discussão em si, como Humboldt, mas é notável sua influência nos linguistas que o sucederam e debateram o tópico com maior aprofundamento, como, por exemplo, Benveniste.

Referências

- ARESI, F. *A relação entre língua e sociedade na reflexão teórica de Émile Benveniste*. 2020. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- BENVENISTE, E. Esta linguagem que faz história. In: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006. p. 29-42.
- BOUQUET, S.; ENGLER, R (Eds.). Prefácio dos editores. In: SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- ENGLER, R. La géographie linguistique. In: AUROUX, S. (Org.). *Histoire des idées linguistiques. L'hégémonie du comparatisme*. v. 3. Bruxelles: Pierre Mardaga, 2000. p. 239-251.
- FLORES, V. N. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.
- FLORES, V. N. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GOMES, J. N. Da importância da diversidade linguística na conformação do conceito saussuriano de língua. *Leitura*, v. 1, n. 62, p. 13-32, 2019.
- GOMES, J. N. *Quando falar e ouvir é apropriar-se: uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- KNACK, C. *Por uma dimensão antropológica do discurso: as passagens do aluno nas instâncias de ensino*. 2016. 164 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- NESTOR, P. H. E. S. O conceito de dialeto em Saussure: convergências e divergências. In: SILVEIRA, E.; HENRIQUES, S. M. (Orgs.). *Saussure: manuscritos, aulas e publicações*. Uberlândia: EDUFU, 2022. p. 129-145.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SILVA, S. *O homem na língua: uma visão antropológica da enunciação para o ensino da escrita*. 2013. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

Recebido em: 10/04/2023

Aceito em: 08/07/2023